



## **INTERCORRÊNCIAS DA ORALIDADE NAS PRODUÇÕES TEXTUAIS DE ALUNOS**

Maria das Graças de Oliveira Pereira<sup>1</sup>  
Francisca Janicleide de Oliveira Pereira<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Diferente da fala a escrita segue convenções que normatizam o seu uso nas mais diversas línguas, nesse aspecto, o ensino de língua na fase de aquisição da escrita é um momento em que o aluno acaba confundindo a oralidade com a escrita. Considerando esse aspecto, este estudo tem o objetivo de analisar como se dão as interferências da oralidade nas produções textuais das crianças do 3º ano do ensino fundamental em uma escola do município de Tenente Ananias – RN. Para isso, foram coletadas e analisadas doze produções textuais dos alunos da já mencionada turma. Mediante as análises constatamos que há as seguintes intercorrências da oralidade na escrita dos referidos alunos: juntura intervocálica; seguimento não-convencional; supressão de consoantes e troca de letras. Portanto, a análise confirma a interferência da oralidade na aquisição da escrita das crianças investigadas e julgamos necessário mudanças nas práticas de ensino de ortografia para uma melhor compreensão da língua em uso.

**Palavras-chave:** Escrita, Oralidade, Produções textuais.

### **INTRODUÇÃO**

O conhecimento do léxico e dos fonemas para a composição e produção contínua da estrutura das palavras são primordiais no contexto da escrita, pois através desses dois elementos as ideias podem ser apresentadas como significativamente “corretas”. Por isso, em algumas situações, quando a criança não domina as convenções da escrita, pode haver redundâncias na sua grafia pelo fato de a mesma tentar descrever a sua fala. Stampa (2009 apud Zorzi, 1998) diz que é frequente encontrarmos palavras que são pronunciadas de uma forma, mas escritas de forma diferente. Assim, percebemos que a questão acústica das palavras é diferente da linearidade ortográfica esperada, com isso fica evidente que nem sempre escrevemos da forma que falamos.

Ao considerarmos esse tipo de problema que ocorre no momento de aquisição da escrita em crianças, propomos analisar aspectos de interferência da oralidade na grafia de palavras em textos infantis, observando a forma como os fonemas são registrados graficamente nesses textos, pois sabemos que as relações estabelecidas entre sons/fonemas e palavras na escrita não seguem padrões ou convenções similares a oralidade. E a falta de acesso da criança a esses padrões pode levá-la a usar expressões



morfologicamente errôneas, pois cada uma tem suas especificidades (caixa acústica da oralidade e da grafia).

Nesse sentido, este estudo tem como objetivo compreender como se dão as interferências da oralidade na escrita através de produções textuais das crianças do 3º ano do ensino fundamental.

Esperamos através deste trabalho contribuir para melhor entender o processo pelo qual a criança desenvolve a sua escrita, bem como colaborar para que sejam desenvolvidas metodologias capazes de melhor subsidiar a aquisição da escrita sem interferência da oralidade.

## **METODOLOGIA**

Este estudo segue uma abordagem qualitativa de caráter descritivo e analítico. Os tipos de pesquisas utilizadas são a bibliográfica e documental. Utilizamos a pesquisa bibliográfica à medida que traçamos nossa fundamentação teórica com base em discussões de Alves e Watthier (2012), Cagliari (2010), Marcuschi (2003), Stampa (2009) e Takada (2010). Enquanto, a pesquisa documental foi empregada no momento em que analisamos as produções textuais dos alunos de uma turma de Língua Portuguesa do 3º ano do ensino fundamental de uma escola<sup>1</sup> da rede municipal de Tenente Ananias – RN. Para Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009) a diferença entre a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental é a na natureza das fontes, pois a pesquisa bibliográfica remete para as colaborações de diferentes autores sobre um determinado tema, enquanto isso, a pesquisa documental atenta para materiais que ainda não receberam tratamento analítico. Além desses fatores, um fato importante na pesquisa documental é que esse tipo de pesquisa requer uma análise mais cuidadosa, visto que trata de documentos que não passaram por uma análise.

Nesse contexto, o *corpus* desta pesquisa é composto por 12 produções textuais sobre o tema, “O lixo que não é lixo”, os textos foram coletados junto à professora da turma, após explicarmos os nossos objetivos. Para análise dos dados usamos a análise do conteúdo, a qual segundo Bardin (1977) consiste em um conjunto de técnicas de análise das comunicações com a finalidade interpretar as informações textuais. No nosso caso

---

<sup>1</sup> Por questões éticas o nome da escola, professor colaborador e alunos não serão revelados.



para facilitar a análise traçamos a seguinte categoria de análise: interferências da oralidade na escrita e como subcategorias: juntura intervocálica; seguimento não-convencional; supressão de consoantes e troca de letras.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Falar da linguagem é sem dúvida falar de um campo dinâmico e amplo, que passa por constantes transformações e reconstruções. Nesse campo está a oralidade e a escrita, porém nossa perspectiva aqui não é de acentuá-los como dois campos dicotômicos, mas como considera Marcuschi (2003) como campos que têm cada um à sua devida importância e assim se complementam.

A criança aprende as primeiras palavras no seio familiar e vai ao longo da vida ampliando seu repertório linguístico seja na família, na escola ou no meio social. Essa habilidade para falar é inata ao ser humano, pois temos internamente uma Gramática Universal e Inata. Ao refletirmos um pouco sobre esse processo percebemos que o contexto no qual o processo da aquisição da linguagem oral ocorre é diferente da aquisição da escrita, pois na escrita nos deparamos com um montante de regras que determinam a forma correta das palavras. Esse fato representa para as crianças um grande desafio, pois possibilita novas descobertas e ao mesmo tempo a imposição de regras.

Sabemos que o alfabeto é composto por 26 letras e que cada uma possui um som que a representa. A princípio, a escrita passa por um sistema específico que é oposto ao da oralidade, por isso que há esse conflito entre fala e escrita no período da aquisição da escrita por crianças nos anos iniciais da aprendizagem. Pois de acordo com Stampa (2009, apud Zorzi, 1998) a escrita alfabética é diferente da escrita fonética, pois é comum encontrarmos palavras escritas de uma forma, mas pronunciadas de outra.

Apesar disso existem muitas palavras que têm correspondência entre fala e escrita, porém, a maioria, não encontra essa correspondência. Por isso, a criança tem uma tendência de aprender a escrever da forma como fala e este é um dos grandes motivos que ocasionam os erros ortográficos no período da aquisição da escrita, pois elas têm a fala como pré-requisito para nortear a sua escrita.

Se por um lado o campo da fala é o campo do aprendizado espontâneo e prazeroso, a maior parte das escolas reproduziram metodologicamente o campo da escrita como o



campo da norma, das restrições, das dificuldades tornando a aprendizagem da escrita como um processo extremamente complexo e enfadonho, pois os aprendizes acreditam que a escrita é a reprodução da fala e é nesse momento que eles acabam cometendo os mais variados erros, pois como sabemos fala e escrita nem sempre andam juntas. É por acreditar que fala e escrita são duas faces de uma mesma moeda que as crianças reproduzem a sua fala na escrita, porém para a aquisição da escrita se faz necessário que elas possam identificar as formas pertinentes de usar a grafia de acordo com os fonemas. Stampa (2009) diz que é preciso que a criança entenda a diferença entre falar e escrever e que não se escreve precisamente como se falam algumas palavras.

Assim, a fala e a escrita apresentam formas distintas, e para a aquisição do léxico se faz necessário ter o conhecimento do sistema alfabético e fonético. Quanto mais complexa for a palavra, conseqüentemente mais dificuldade as crianças terão para formar uma estrutura lexical. Nessa perspectiva, Stampa (2009, p. 55) afirma:

[...] como este sistema de escrita não é uma representação linear da fala, ela tornou-se um sistema complexo para a criança dominar. Por isso, as dificuldades com os princípios alfabéticos estarão relacionadas aos mecanismos que existem para se lidar com os sons da fala. Então, se uma criança tem dificuldade para identificar os componentes sonoros das palavras, ela terá, inevitavelmente, dificuldade para relacionar estes sons com as letras na palavra.

Vale salientar que as crianças precisam ter o conhecimento de que elas não podem criar hipóteses de como se escreve, nem escrever da forma como ela pensa que seja a escrita. Enquanto que os professores ao se depararem com essas intercorrências na escrita dos seus alunos não podem julgá-los por sua capacidade cognitiva, pois isso faz parte do estágio para aquisição da escrita.

Gradativamente a criança vai aprendendo de forma “indireta e autônoma” o que a escola quer que elas aprendam. Para Cagliari (2010) o problema da escrita das crianças está relacionado a abordagem metodológica que é dada a ela na maioria das escolas, com um ensino voltado para a decoração de regras. Nesse sentido Cagliari (2010, p. 83) afirma: “o grande problema nesse caso é que a escola ensina a escrever sem ensinar o que é escrever, joga com a criança sem lhe dizer as regras do jogo”, desse modo ele quer dizer que é preciso ter um ensino reflexivo que não foque apenas na regra pela regra.



Conforme Stampa (2009) a apropriação da linguagem escrita pela a criança é um processo duradouro, porque conforme ela vai crescendo, vai também adquirindo consciência fonológica, esta por sua vez sendo amparada por um processo de ensino adequado, leva-a a aquisição ortográfica correta. Desse modo, o amadurecimento e as experiências linguísticas vivenciadas individualmente, também podem constituir pontos essenciais para o indivíduo adquirir a escrita, pois esses processos têm características lineares e exige tempo para apropriação dos conceitos que os abarcam.

Segundo Takada (2010) para que ocorra esse amadurecimento do aluno é necessário que ele veja a ortografia ligada às praticas sociais de linguagem, bem como à leitura e à produção de textos. Um caminho que não pode dar espaço a exercícios mecânicos de memorização de regras e de cópias dos termos, nem tampouco a exposição de diversos textos, mas sim de um processo reflexivo sobre a língua que não se restringe à cópia e à repetição das palavras. Para esse tratamento é importante que o professor faça um diagnóstico das maiores dificuldades dos alunos, partir das dificuldades é um passo importante para avançar na aquisição da escrita. Acreditamos também que atividades de reescrita orientada das produções textuais são fundamentais para levar o aluno a ter cada vez mais essa consciência ortográfica e fazer do erro um processo de aprendizagem, um trabalho que com consideram Alves e Watthier (2012) deve ser realizado em conjunto entre professor e aluno, promovendo a reflexão e a análise, mostrando as possibilidades do texto ser ressignificado e não enxergando-o como um produto acabado.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Ao buscarmos compreender como se dão as interferências da oralidade na escrita dos alunos do 1º ano do ensino fundamental, analisamos 12 (doze) produções textuais a partir do tema “O lixo que não é lixo”, dentre os textos analisados selecionamos as intercorrências e agrupamos na categorização que explicamos a seguir.

- Juntura intervocálica - quando há o agrupamento de duas palavras;
- Seguimento não-convencional – refere-se as escolhas convencionais e não-convencionais das letras do alfabeto em relação aos pontos em que ocorrem os espaços em branco de modo não-convencional em relação à ortografia vigente para o Português no Brasil;



- Supressão de consoantes – quando há uma palavra grafada com duas consoantes juntas e repetidas, exemplo *rr* ou *ss* e o aluno escreve apenas com uma das consoantes;
- Troca de letras – ocorre uma troca das letras, geralmente quando os sons das letras são parecidos.

Compreendido o que representa cada subcategoria apresentamos na sequência o agrupamento das intercorrências gráficas apresentadas nos textos dos alunos.

**Quadro 1** - Interferências da oralidade na grafia das palavras

<b>Categoria de análise</b>	<b>Subcategorias de análise</b>	<b>Intercorrências gráficas</b>
Interferências da oralidade na escrita	Juntura intervocálica	(por isso) = “porisso” / “puriso” (e para) = “ipara” (que nada) = “quinada”
	Seguimento não-convencional	(comer) = “com mer”
	Supressão de consoantes	(garrafa) = “garafa”
	Troca de letras	(doença) = “doensa” (decoração) = “decorasão”

**Fonte:** Os autores (2020)

Como podemos observar as intercorrências gráficas identificadas nas produções textuais dos alunos ocorrem devido as interferências da oralidade na escrita, pois, geralmente, o aluno acaba fazendo uma transcrição da fala e como nem sempre o som corresponde a letra o aluno acaba cometendo erros como os que demonstramos aqui.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através do presente estudo identificamos que as interferências da oralidade na escrita das crianças do 3º ano do ensino fundamental se dão das seguintes formas: juntura



intervocálica - quando há a junção de duas palavras que são originalmente separadas e distintas; seguimento não-convencional – quando o aluno separa uma palavra em duas; supressão de consoantes – quando há uma ocorrência de palavras grafadas com duas consoantes juntas e repetidas, mas o aluno suprime uma delas e troca de letras – geralmente quando os sons das letras são parecidos.

Como já se presumia essas intercorrências ocorrem devido a interferência da oralidade na escrita, pois os alunos acabam reproduzindo na escrita a forma como falam não obedecendo as normas regentes.

Nesse sentido é importante que o professor parta da identificação das dificuldades dos alunos e que não se atenha a transmitir regras para os alunos memorizarem, mas que procure fazer com que os alunos compreendam a ortografia por meio da leitura e da produção textual dos mais variados textos, promovendo sempre uma reflexão sobre a língua e sobre o seu uso. Além da produção textual é necessário também que haja orientação para reescrita dos textos produzidos, pois acreditamos que esse é um exercício capaz de ajudar na internalização da escrita.

## REFERÊNCIAS

ALVES, A. G. K.; WATTHIER, L. **Produção de textos no ensino fundamental:** reflexões sobre atividades com a língua por meio da reescrita. Anais do SIELP. [ISSN 2237-8758]. V. 2, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. Disponível em: <[http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wpcontent/uploads/2014/07/volume\\_2\\_artigo\\_14.pdf](http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wpcontent/uploads/2014/07/volume_2_artigo_14.pdf)>. Acesso em: 22 de agosto de 2019.

BARDIN, L. **Ánálise de conteúdo**. SP: Edições 70, 2011.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 2010. 176 p. (Pensamento e ação na sala de aula).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Da fala para escrita: atividades de retextualização. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

STAMPA, M. **Aquisição da leitura e escrita:** uma abordagem teórica e prática a partir da consciência fonológica. Rio de Janeiro: Wak. Ed, 2009.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J.F. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas**. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais [ISSN: 2175-3423]. Ano I, n. 1, Julho de 2009. Disponível em:



<[file:///C:/Users/W10/Downloads/pesquisa\\_documental%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/W10/Downloads/pesquisa_documental%20(1).pdf)>. Acesso em: 21 de agosto de 2019.

TAKADA, P. **Como ensinar ortografia**. Nova Escola. Setemb. 2010. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/2567/como-ensinar-ortografia#>>. Acesso em: 30 de setembro 2019.